



Discurso do Presidente da República, Luiz Inácio Lula da Silva, na cerimônia de anúncio de recursos do FNHIS, do Pronasci, da ampliação do Programa Saúde da Família e inauguração do Cetep da comunidade Santa Marta

Rio de Janeiro-RJ, 03 de fevereiro de 2009

Primeiro, quero cumprimentar o nosso querido governador Sérgio Cabral e sua esposa,

Quero cumprimentar os ministros Tarso Genro, José Temporão, Orlando Silva e Márcio Fortes,

Quero cumprimentar o nosso querido companheiro Pezão, vice-governador do estado,

Quero cumprimentar o prefeito da cidade do Rio de Janeiro, Eduardo Paes,

Quero cumprimentar o deputado federal Fernando Lopes,

Quero cumprimentar a esposa do prefeito, Cristine Paes,

A nossa querida companheira Benedita da Silva, secretária estadual de Assistência Social e Direitos Humanos, e por meio dela, eu quero cumprimentar todos os secretários aqui presentes,

Quero cumprimentar o companheiro José Domingos, da Caixa Econômica Federal,

O Celso Pansera, presidente da Fundação de Apoio à Escola Técnica,

O José Mário Hilário dos Santos, presidente da Associação de Moradores do Morro Santa Marta,

O Luís Otávio, presidente do Grêmio Recreativo e Escola de Samba Mocidade Unida do Santa Marta,

Quero cumprimentar os companheiros moradores de Santa Marta,



Dê-me este microfone aqui. Bem, primeiro eu queria dizer, Sérgio, sobre a questão da Priscila, você falou dela aqui e trouxe ela aqui para apresentar. Primeiro, eu acho que é um dado significativo extraordinário a gente ter uma mulher; além de ser mulher, uma mulher negra; além de ser mulher e negra, uma mulher que foi vítima de violências absurdas, e em nenhum momento esta mulher fez com que tudo o que ela sofreu fizesse com que ela parasse a sua profissão e a sua atividade. E você acaba de anunciar que, além de ela comandar a polícia aqui no Morro de Santa Marta, este Morro está agora sendo um exemplo de como é possível pacificar a violência nos morros do Rio de Janeiro. Eu espero que o que você fez aqui no Santa Marta sirva de exemplo para outros lugares do Rio e do Brasil inteiro. Portanto, Priscila, meus parabéns.

É motivo de muito orgulho saber que as mulheres estão cada vez mais ocupando os espaços que elas merecem no mundo do trabalho, nas atividades mais complicadas da vida humana. Não existe mais aquele negócio de profissão de homem ou profissão de mulher. Hoje trabalha quem tem competência, quem tem capacidade e, em muitas coisas as mulheres têm demonstrado até mais capacidade do que os homens, sobretudo nas doenças. O homem, quando fica com gripe, o “bicho” fica deitado, gemendo, não quer ir trabalhar. Eu nunca vi uma mulher, pelo menos a minha, com quem eu sou casado há 35 anos, deixar de se levantar e fazer as coisas para os filhos por causa de uma gripe. Nunca vi. Eu, se puder tomar uma vitamina C e cama, eu vou, mas a Marisa não vai.

Então, eu queria, Priscila, dizer do meu reconhecimento do seu ato de heroísmo. Mas, muito mais do que heroísmo, da seriedade com que você encara uma tarefa que lhe foi dada pelo nosso Secretário de Segurança e pelo nosso Governador. Espero que você tenha todo o sucesso do mundo e que possa ser, quem sabe, uma esperança para o povo brasileiro e, sobretudo, para a polícia brasileira, de como é possível a gente cuidar de acabar com o



narcotráfico e com o crime organizado utilizando muito mais a inteligência do que a força, não cometendo nenhuma discriminação, e eu acho que nós vamos melhorando o Brasil. Portanto, parabéns, Governador, parabéns, Secretário de Segurança e parabéns, Priscila. Você só tome cuidado para não ficar mais famosa do que o Governador, o Presidente, o Prefeito ou o Secretário de Segurança, porque aí o seu emprego corre risco seriíssimo.

A segunda coisa que eu queria dizer para vocês é que eu não me lembro há quanto tempo os morros do Rio de Janeiro não recebiam um prefeito, um governador, um presidente da República, um secretário de segurança, tantos secretários estaduais, tantos secretários municipais, a mulher do Governador, a mulher do Prefeito. Se eles achassem que é perigoso, não teriam trazido as duas mulheres aqui. Há muito tempo isso não acontecia porque o que a gente via nos jornais, e essa era uma das coisas que eu dizia sempre ao companheiro Sérgio Cabral, é que nós precisamos tirar o Rio de Janeiro das páginas de jornais do Brasil – das páginas policiais, das páginas do crime, das páginas da violência. Porque às vezes parece que chega quase à insanidade o destaque que dão para um crime no Rio de Janeiro e que, muitas vezes, não dão a crimes em outros estados. O Rio é um estado importante, o Rio é politicamente importante, do ponto de vista cultural é importante, econômico é importante. Eu, às vezes, fico pensando que o Rio de Janeiro não deve ter mais violência do que qualquer outro estado da Federação, mas aqui tudo ganha uma dimensão tão grande que as pessoas até se assustam de vir ao Rio de Janeiro.

O que está acontecendo aqui no Santa Marta é a demonstração de que a gente pode fazer isso em todos os lugares. Mas não é apenas a presença da polícia que é muito importante. Se colocar apenas a polícia aqui e não vier saúde, não vier escola, não vier cultura, não vier emprego, a violência volta e até a polícia vai embora. Ou seja, é preciso que tenha a presença do Estado



aqui dentro. A presença do Estado trazendo todos os benefícios que as pessoas têm direito, que estão contidas na Constituição brasileira.

Por isso, eu acho que esse é um dia extraordinário. Extraordinário porque a imprensa está de camarote, nós aqui no pesado e a imprensa aí no camarote, muito mais confortáveis que nós ali, olha. Nunca mais vão poder reclamar que não foram bem tratados em um ato público aqui, porque estão ali, de cima, olhando para nós aqui embaixo.

Mas é importante que a imprensa registre o que está acontecendo aqui hoje. Ou seja, aqui, hoje, era para entregar 11 casas das tantas que vocês já entregaram e outras que vão entregar. Mas lamentavelmente, parece que o meu cerimonial, por uma questão de tempo, achou que não deveria entregar casa, que era a coisa principal que a gente deveria fazer aqui. Mas não tem problema, já foram entregues três casas, tem mais oito ou nove para ser entregues, e depois tem mais casas.

A segunda coisa que eu acho importante é que a Associação de Moradores já não está mais apenas no auditório, batendo palmas, ela está aqui no palanque, falando aquilo que é a linguagem da comunidade.

A terceira coisa importante é que parte do dinheiro que nós estamos aplicando aqui é um dinheiro do FNHIS, que é o Fundo Nacional de Habitação Social, que é um fundo que foi criado pelo movimento social brasileiro. Foram os Sem Teto do Brasil inteiro que colheram 1 milhão e 300 mil assinaturas, deram entrada no primeiro projeto de lei de iniciativa popular, previsto na Constituição de 88. Demorou 13 anos para ser aprovado, mas foi aprovado, e este ano nós já estamos aplicando o dinheiro que foi conquista da própria sociedade. Quanto é que tem o FNHIS, Marcio? O FNHIS ao todo, nacional? São R\$ 4 bilhões para que a gente possa fazer casas de interesse social.

Mas o que é importante é que vocês viram o Sérgio Cabral falar de Pronasci. A palavra Pronasci, ela, por si só, em um primeiro momento, parece uma sigla estrangeira, em inglês, mas o Pronasci é o mais importante



programa de segurança pública que já foi pensado neste país, porque ele não pensa apenas na polícia entrar atirando no morro, o Pronasci pensa na escola, o Pronasci pensa no esporte, o Pronasci pensa na formação de profissional. Nós já temos 90 mil policiais no Brasil recebendo R\$ 400,00 de bolsa de estudos para estudarem pelo Pronasci – eu não sei aqui quantos tem. Mas é um conjunto de obras... Vinte mil soldados estão recebendo R\$ 400,00 de bolsa de estudos para se aperfeiçoarem, para se formarem. Porque a polícia precisa de revólver, sim, de cassetete, sim, mas sobretudo precisa ganhar um salário para viver com dignidade e ter uma formação para ter uma inteligência acima dos ladrões. É para isso que nós queremos uma polícia bem formada.

Mas, mais importante ainda – e eu quero terminar com isso aqui, porque a fome chegou – dizer para vocês o seguinte: olhem, o Rio de Janeiro, e eu quero que vocês marquem o que eu estou falando, quando chegar lá pelo mês de dezembro de 2010, eu estarei encerrando a minha carreira de Presidente da República. Mas eu quero vir ao Rio de Janeiro, porque eu estou convencido de que ao terminar o meu segundo mandato, o Sérgio Cabral terminar o primeiro mandato dele e o Paes estiver com dois anos de mandato, eu quero dizer para vocês que a cara do Rio de Janeiro estará mudada.

O que nós estamos fazendo em alguns lugares importantes, que a gente só ouvia falar nas páginas policiais, ou na hora do crime na televisão, não apenas Santa Marta, que era um dos mais pacíficos, mas o Complexo do Alemão, Mangueiras, Pavão-Pavãozinho, Rocinha, os investimentos que nós estamos fazendo nessa área não são investimentos, como diz a gíria popular, “meia-boca”, não é um investimento para pintar guias, sarjeta ou meio-fio, como diz o carioca, ou seja, é investimento para mudar a cara do lugar em que nós estamos fazendo as obras. As pessoas vão ter acesso a cultura, vão ter acesso a biblioteca, vão ter acesso a formação profissional. As pessoas vão ter acesso a moradia decente, a água encanada, a tratamento de esgoto, a escola de qualidade para as crianças.



Nós fomos agora inaugurar uma escola estadual do governo do Rio de Janeiro lá em Manguinhos. Uma escola que ele deu o nome de um compositor, Luiz Carlos da Vila. É um prédio que se a rainha da Inglaterra ver, ela vai pensar que é uma escola em Londres. Porque aqui, no Brasil, tudo que é bonito é dos ricos, aos pobres é destinada apenas a sobra, aquilo que restou. Uma rua... Sérgio, você vai ver, você é muito jovem ainda, mas uma rua, o pobre ocupa o mangue, aterra o mangue, começa a fazer a sua casa. Daqui a pouco, uma empresa imobiliária descobre aquele terreno, vai lá, vai na Justiça, começa a brigar, tira o pobre, vende o terreno, faz casa chique e o pobre vai para outro mangue. Aí, passa anos aterrando aquele mangue, passa anos cavando buraco para fazer uma casa no pé do morro, ou seja, custa mais caro a estaca do que a casa. Mas, aí, quando o lugar fica chique aparece alguém e tira aquele pobre de lá, e ele vai um pouco mais para longe. A vida do pobre é essa, ou seja, ao invés de chegar o asfalto e a gente ficar feliz, ao invés de chegar o esgoto e a gente ficar feliz, ao invés de chegar um melhoramento e a gente ficar feliz, o que acontece? Fica tudo muito caro, aparece alguém, compra aquela terra e o pobre é jogado um pouco mais para a periferia.

O que está acontecendo aqui, no Rio de Janeiro, é que tanto o prefeito quanto o governador resolveram mudar de comportamento. O Estado não vai ser mais o responsável por afugentar os pobres do seu local de moradia. O Estado, ao invés de querer que os pobres saiam, o Estado está indo lá para dentro, para resolver o problema dos pobres no seu local de moradia.

E eu estou convencido de que o Santa Marta é um exemplo para o Brasil. Eu espero que daqui a algum tempo os outros prefeitos de outras cidades, outros governadores, ao invés de vir ao Rio de Janeiro e só ficar ali no centro, com medo de uma bala perdida, que eles possam vir conhecer o fundão do Rio de Janeiro, para perceber que este estado não é feito de bandidos ou de marginais, este estado é feito de homens e mulheres que querem trabalhar, que querem estudar e que querem viver dignamente.



E é essa, Sérgio, essa é a grande mudança que você está impondo ao Rio de Janeiro. Normalmente, os políticos ganham eleição fazendo discurso contra banqueiro e defendendo o pobre, depois eles governam para os banqueiros e contra os pobres. Você está fazendo exatamente o contrário. Aliás, eu tenho dito que este aqui, há muito tempo, é o único governador do Rio com a cara de carioca. O Rio precisava de alguém com a cara do Rio, alguém com a malandragem do Rio de Janeiro, alguém que torcesse não para o Flamengo solito, alguém que gostasse de samba, alguém que gostasse... porque a gente só faz as coisas quando a gente gosta. Se a pessoa ganha as eleições e acha que a periferia é só problema e que tem que fazer tudo no centro, pintar guia no centro, pinta guia, pinta sarjeta, pinta calçada... Quando, na verdade, o que nós precisamos ter consciência é que nós fomos eleitos e só há uma razão pela qual a gente tem que ter coragem de pedir voto: é se a gente for capaz de pegar os recursos do Estado e distribuí-los de forma justa para todos os cidadãos e favorecer aqueles que mais precisam.

Então, Sérgio... Uma vez, muito tempo atrás, eu vim aqui no Santa Marta. Eu não me lembro, mas eu vim aqui uns 20 anos atrás. Eu vim aqui no Santa Marta, subi o Morro... 1989. Tinha um companheiro que era presidente da Associação aqui, ele me levou à casa dele ou à sede da Associação... Olha lá. Itamar, olhe, eu me lembro que fui à casa... acho que tinha uma rádio comunitária, que era um microfone, e tinha megafone nas outras casas, nos postes. Então, eu me lembro que ele fez um anúncio para mim, chamando o seguinte. Era uma mulher que morava em outro lugar, e ele falava: "Alô, alô, dona Maria, chegou a sua carta aqui, da sua família", não sei de onde, para a pessoa ir lá à sede da Associação buscar a carta. Eu espero que tenha melhorado a rádio agora. Mas ali eu conheci, Sérgio Cabral... Ele me levou também a uma casa de uma pessoa que era paraplégica, que nunca tinha conseguido descer o morro.

Aí eu fui embora e fiquei imaginando: um lugar extraordinário como este,



a pessoa daqui de cima olha lá para baixo e vê carros bonitos, gente bem vestida e o coitado aqui, passando fome, desgraçado, sendo olhado como bandido. Ele vai ficando mais violento, porque ele fica pensando: “Puxa vida, se Deus é brasileiro, por que é que dá tanto para uns e nada para outros?” Ainda o prefeito não vinha aqui, ainda o governador... Pode ver. O prefeito, normalmente, deveria se levantar de manhã... A casa é aqui perto? O prefeito nem olhava para cá, olhava para lá, para não ver o morro. O governador, a mesma coisa.

Agora, gente, que o Brasil tem a bênção de Deus, o Rio de Janeiro e a cidade, de ter duas pessoas que não têm mais medo do pobre, que não têm preconceito do pobre, que não têm medo do morro, vamos agora aproveitar e cobrar deles... Eu tenho mais dois anos de mandato. Cobrar, porque nós precisamos ser cobrados. Nós recebemos muita gente. O Sérgio Cabral recebe muita gente, este aqui vai receber muita gente, eu recebo muita gente. É só gente querendo 1 bilhão, 1 bilhão e meio, 2 bilhões, 3 bilhões, 4 bilhões. Um pobre que vai pedir 50 mil centavos, não aparece no gabinete do Presidente, não tem espaço. Nós mudamos isso, Sérgio.

Eu me lembro quando eu levei os catadores de papel para dentro do Palácio do Planalto. O discurso do líder deles era de que eles não precisavam conquistar mais nada. Só o fato de eles terem entrado dentro do Palácio do Planalto já era a conquista maior que eles imaginavam ter, porque era o respeito do Presidente com eles. Eu me lembro quando eu levei para dentro do Palácio do Planalto os cegos e seus cachorros, porque não podia entrar cachorro em igreja, não podia entrar cachorro em shopping. Acontece que para o cego, o cão-guia é os olhos dele. Como é que o cego pode andar sem o cão-guia? Para dar o exemplo de que nós precisamos lidar com essas coisas, levei muitos deficientes visuais lá dentro do Palácio do Planalto com os seus cachorros, e podem crer, nenhum cachorro fez nenhuma sujeira dentro do Palácio do Planalto. Podem crer.



Esses dias eu criei um pânico no Brasil. Nós, agora, vamos fazer a primeira conferência de segurança pública. Vamos fazer a primeira conferência sobre imprensa no Brasil. Mas eu me lembro de uma, Adriana, que criou confusão. Eu participei daquela Conferência GLBT, que envolve homossexuais, lésbicas... Tinha lá um monte de coisa, é tanta letra, GLBT. Agora parece que é GLBTDT, ou seja, tem muita coisa. As pessoas vão criando cidadania e vão mostrando a cara. Eu me lembro que eu ia fazer o encontro, mais de 2 mil delegados lá em Brasília. E o pessoal: “Lula, você vai a uma convenção dessas? Lula, veja quem vai estar lá? Vão estar lá travestis, vão estar lá homossexuais, vão estar lá lésbicas”. Eu falei: eu vou. E todo mundo com medo. O que vai acontecer? Primeiro, foi um show de cidadania. Primeiro, pela qualidade do discurso das pessoas. Segundo, porque eu comecei a me lembrar: alguém se importa com o que a pessoa é no dia de pedir votos? Alguém quer saber se é homossexual ou não? Alguém quer saber se é lésbica ou não? Alguém quer saber se é travesti ou não? Na hora do voto, vai todo mundo lá pedir votos. A Receita Federal também não faz discriminação, ela cobra o imposto de todo mundo. E se ela cobra de todo mundo, se eles podem votar, o Presidente da República tem que assumir que eles são brasileiros e que têm que ser tratados em igualdade de condições. Este país precisa aprender a acabar com a discriminação.

Como eu já fui muito vítima de preconceitos na minha vida, porque o preconceito é mais forte contra o pobre. Se for pobre e negro, aí é duplo preconceito. A gente vê no mercado de trabalho.

Então, Sérgio, eu queria dizer a você e ao Paes, que é motivo de muito orgulho um presidente da República poder se reunir com outro chefe de Estado e dizer o seguinte: lá no Brasil nós não temos medo dos pobres, nós não temos medo dos trabalhadores, nós não temos medo de subir em favelas, nós não temos medo de conversar com as pessoas mais humildes do País. Na maioria dos países do mundo, isso não acontece. Político perto de pobre, não



acontece. O que vocês dois estão fazendo é a demonstração mais viva de que o Rio de Janeiro mudou. Vai haver um dia em que a gente vai levar tantos benefícios para a periferia, que a periferia será tão bem tratada quanto é tratado o centro do Rio, o centro de São Paulo, o centro de Recife e de qualquer capital.

Queria fazer uma homenagem especial a este companheiro, o Pezão. Abençoado o governador que tem um vice da qualidade do Pezão. Eu sou testemunha da competência deste companheiro. Cada vez que ele me encontra, com um pedaço de papel assim, eu sei que ele vai me levar dinheiro. Podem ver. É só projeto aqui. “Olha, Presidente, mais uns 200 mil, mais uns 300 mil”. Na verdade, eu estou quase parando de conversar com ele. Tem um engenheiro do Sérgio Cabral aqui que virou... o Ícaro, virou um especialista em fazer um “engana Presidente”. O que é o “engana Presidente”? Ele faz uma montagem eletrônica toda bonita, de ponte, de trem, de ônibus, e coloca na televisão para eu ver. Coloca na televisão, eu fico entusiasmado, aí o Pezão chega: “Presidente, só ‘duzentinhos’, ‘trezentinhos’, ‘quatrocentinhos’”. Se eu não tomar cuidado, não sobra dinheiro para outro estado.

De qualquer forma, eu não tenho nenhuma preocupação de falar. Eu tenho a obrigação moral de contribuir com o governo do estado e com o prefeito para que a gente devolva ao Rio de Janeiro o *status* de cidade mais bonita deste país. Sem violência, com muita paz, com emprego e com muita qualidade de vida.

Por isso, eu quero cumprimentar aqui, dar os parabéns aos companheiros do Morro Santa Marta e aos companheiros da Rocinha que estão aqui.

Um abraço, um beijo e até outro dia.

(\$211A)